



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

Modificações de predicados por expressões adverbiais em primeira posição em Guajá

DÉBORA OLIVEIRA SILVA ALVES

12/0029103

Artigo final de Conclusão de Curso, realizado para obtenção de grau de Bacharela no curso de Letras Português e respectiva Literatura da Universidade de Brasília, UnB.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marina Maria Silva Magalhães

Brasília, 2018

Resumo

O presente trabalho é motivado pela necessidade de investigação de construções em Guajá em que expressões adverbiais são deslocadas para uma posição de destaque, mais à esquerda da oração, ocasionando modificações morfossintáticas no predicado e tornando-se informacionalmente mais importantes em um contexto pragmático. Essa ocorrência pode estar ligada às características omnipredicativas da língua, que estão se perdendo com o passar do tempo. Exploraremos essa modificação, em que casos ela ocorre e como é empregada.

Palavras-chave: Família Tupí-Guaraní. Guajá. Predicados. Expressões adverbiais, Omnipredicatividade.

Introdução

O Brasil é um país de muitas riquezas, entre elas a grande diversidade linguística, pois além do português, várias outras línguas são faladas em sua extensão territorial. As línguas indígenas brasileiras, representadas por cerca de 180 línguas ainda faladas por cerca de 200 mil falantes, são exemplos dessa riqueza cultural e são parte importante da identidade do país. As línguas indígenas do Brasil se agrupam em dois troncos (Tupí e Macro-Jê) além de várias outras famílias linguísticas menores (Rodrigues, 1953).

A língua que é objeto de estudo deste projeto de pesquisa é falada pelos Awá Guajá, autodenominados Awá, que vivem no noroeste do estado do Maranhão. Língua materna de cerca de 500 habitantes, o Guajá é parte do subgrupo VIII da família Tupí-Guaraní e seus falantes possuem graus variados de bilinguismo com relação ao português, dependendo da faixa etária, gênero e aldeia em que vivem.

Neste trabalho analisaremos as construções do Guajá em que expressões adverbiais são deslocadas para uma posição de destaque, mais à esquerda da oração, ocasionando modificações morfossintáticas no predicado. Para além da forma, analisamos, em termos pragmáticos, o deslocamento à esquerda das expressões adverbiais torna-as informacionalmente mais importantes, o que justificaria a configuração morfossintática que a oração adquire. A ocorrência desta estrutura pode estar ligada às características omnipredicativas da língua, que estão se perdendo com o passar do tempo. Exploraremos essa modificação, em que casos ela ocorre e como é empregada.

1. Estrutura da língua

Com relação à estrutura da língua, no Guajá, assim como em muitas outras línguas da família do Tupí-Guaraní, verifica-se que tanto os verbos (ex. 1) como os nomes (ex. 2) podem funcionar primariamente como predicado, isto é, não precisam receber qualquer marca morfológica para que ocorram como predicado. Mesmo assim, é possível tratá-los como duas classes de palavras distintas por possuírem características morfológicas específicas de cada classe, além de um comportamento sintático que as distingue pelo fato de os verbos precisarem ser nominalizados para funcionarem como argumento (ex. 3), enquanto os nomes funcionam primariamente como argumento, bastando apenas que ocorram com o sufixo referenciante¹ *-a* (ex. 4):

¹ O sufixo referenciante *-a*, de acordo com Queixalós (2006), estabelece uma expressão que pode constituir referência em raízes que não podem referir por si sós quando na posição de argumento, uma vez que são primariamente predicados.

- (1) *a-kere* verbo com função de predicado
1SG.I-dormir
'eu dormi'
- (2) *ha = r-a'y* nome com função de predicado
1SG.II = LK-filho
'eu tenho filho'
- (3) *ha = ∅-kere-ha-∅ i-muku* verbo nominalizado com função de argumento
1SG.II = LK-dormir-NMZR-RFR 3.II-ser.longo
'minha dormida é longa'
- (4) *ha = r-a'yr-a i-muku* nome com função de argumento
1SG.II = LK-filho-RFR 3sg.II-ser.longo
'meu filho é alto (longo)'

Além dos verbos e dos nomes, as expressões adverbiais também podem predicar primariamente na língua Guajá (ex. 5), mas, assim como os verbos, precisam ser nominalizadas para funcionar como argumento (ex. 6):

- (5) *tapi'ir-a ka'a-pe* expressão adverbial com função de predicado
anta-RFR mato-LOC
'A anta está no mato'
- (6) *ka'a-p-ahar-a ∅-wyhy* expressão adverbial nominalizada com função de argumento
mata-LOC-NMZR-RFR 3.I-correr
'A que é da mata correu'

Para tratar dos verbos, dos nomes e das expressões adverbiais do Guajá, adotaremos a noção de valência, entendendo-a como o número de argumentos que um núcleo lexical admite, podendo ser ele classificado como divalente e monovalente.

Os verbos podem, ainda, ser subclassificados semanticamente como eventivos ou estativos, subdivisão esta que está diretamente relacionada ao comportamento cindido formal dos verbos monovalentes: verbos monovalentes eventivos ocorrem exclusivamente com uma série de marcas de pessoas diferente da que ocorre com os verbos monovalentes estativos.

Com relação às marcações de pessoa supracitadas, há duas séries de marcadores pessoais. O paradigma de marcadores da série I é formado por prefixos pessoais, ocorre exclusivamente com verbos e expressa o argumento externo de predicados verbais divalentes, além do argumento único de predicados verbais monovalentes eventivos. Já a série II de marcadores pessoais é formada por pronomes clíticos, relacionados ao núcleo do predicado por meio de um prefixo que marca a adjacência (LK) entre o núcleo e seu dependente, e expressa o argumento interno de predicados verbais, nominais e posposicionais, sendo, portanto um paradigma de marcas pessoais transcategorial. No caso da série II, a marca de terceira pessoa, diferentemente das demais, em vez de ser um clítico, é um prefixo.

A tabela 1 resume a função dos marcadores das duas séries dependendo da categoria lexical a que se associam:

Categoria lexical	Série I	Série II
Verbo	argumento externo de verbos divalentes argumento único de verbos monovalentes eventivos	argumento interno (pronominal) de verbos divalentes argumento único de verbos monovalentes estativos
Nome		argumento interno de nomes divalentes
Posposição		argumento interno de posposições divalentes

Tabela 1: categorias lexicais e função dos marcadores pessoais

O paradigma de marcadores da série I é formado por prefixos pessoais e expressa o argumento externo de predicados verbais divalentes e o da série II é formado por pronomes clíticos, relacionados ao núcleo do predicado por meio de um prefixo que marca a adjacência entre o núcleo e seu dependente, e expressa o argumento interno de predicados verbais, nominais e posposicionais. No caso da série I, a marca de terceira pessoa, diferentemente das demais, em vez de ser um clítico, é um prefixo. Veja-se na seguinte tabela:

Série I	Série II
---------	----------

a-	1SG	ha=	1SG
ari-	2SG	ni=	2SG
Ø- ~ o- ~u-	3	i- ~ h- ~ha-	3
xi-	1 PL. INCL.	are=	1PL
ari-	2 PL. EXCL.		
pi-	2PL	pĩ=	2PL

Tabela 2: os marcadores de pessoa das série I e II

No caso de o núcleo ser um verbo divalente, a marcação de pessoa dependerá de uma hierarquia referencial, já que o núcleo admitirá apenas a marcação de um dos argumentos. Essa hierarquia tem a seguinte ordem em termos de pessoa: 1 = 2 > 3. Isso quer dizer que nas orações em que aparecem dois argumentos, as primeiras e segundas pessoas são hierarquicamente superiores ao argumento de terceira pessoa, sendo elas as marcadas no verbo. Caso ambos sejam de terceira pessoa, a marcação no núcleo do predicado será sempre aquela que tiver papel semântico de “agente”, diferente das orações em que os dois argumentos são de 1ª e 2ª pessoa, sendo a marcação feita a partir do que exerce a função de “paciente”.

2. Construções adverbiais em primeira posição em Guajá

As estruturas a serem aqui analisadas são tradicionalmente conhecidas como “modo indicativo II” (Rodrigues 1953:126, Almeida *et al.* 1983:34, Vieira & Leite 1998:29, Rodrigues 2001:88). O modo indicativo II ou modo circunstancial (Rodrigues 1981, Jensen 1990:105, Praça 2000:560, Seki 2000:131) tem sua ocorrência condicionada à presença de advérbios ou construções adverbiais rematizados em posição inicial na sentença, mas em Guajá também ocorre quando a oração é precedida por partículas de posição inicial fixa.

Nas construções do Guajá, entre as diferentes classes de palavras existentes, encontram-se as expressões adverbiais formadas não apenas por advérbios (ex. 7), mas também por sintagmas posposicionais (ex. 8) e nomes associados ao sufixo locativo (ex. 9), que exercem a mesma função dos advérbios. Assim como no português, as expressões adverbiais, apesar de terem maior liberdade de posição na sentença, aparecem comumente em posição final, conforme ilustrados pelos exemplos

de 7 a 9. Contudo, na variante da língua falada pelos Awá mais velhos (mas não mais na dos jovens), quando algumas dessas expressões adverbiais se deslocam para o início da sentença, causam uma alteração no núcleo do predicado e este passa a receber um sufixo *-ni*, além de passar a ser associado às marcas de pessoa da série II, mesmo que seja um verbo monovalente eventivo, conforme ilustra o exemplo 10, em contraste com o exemplo 11, em que a expressão adverbial ocorre em posição final e o verbo ocorre com a marca de pessoa esperada da Série I e sem qualquer sufixo:

- (7) *a-kere* *awa* *kwatete*
 1SG.I-dormir CTP perto
 ‘dormi (vindo) pertinho’
- (8) *jaha* *mỹk-a* *a-myty* *wira* *r-ia*
 Eu manga-RFR 1sg.I-puxar árvore LK-de
 ‘eu puxei a manga da árvore’
- (9) *tapi’i* *ka’a-pe*
 anta mato-LOC
 ‘Tem anta no mato’
 (Lit.: (Existe) anta no mato)
- (10) *terẽ* *Ø-pepe* *i-ho-ni*
 trem LK-em 3.II-ir-NMLZ
 ‘De trem, ele foi’
- (11) *o-ho* *terẽ* *Ø-pepe*
 3.I-ir trem LK-em
 ‘Ele foi de trem’

Segundo Rodrigues (1953: 132), o modo Indicativo II seria uma forma onomástica (ou seja, nominal) do verbo, porém não apresenta uma justificativa para tanto. Rodrigues (2010: 38) acrescenta que “o indicativo II ocorre em orações cujo predicado é antecedido por um complemento circunstancial (tempo, lugar, modo, etc)”.

2.1.Ocorrência em predicados nominais

No caso específico do Guajá, de acordo com pesquisas realizadas por Magalhães (2007, 2016) e Praça, Magalhães e da Cruz (2017), o fenômeno aqui discutido apresenta semelhanças, mas também diferenças com relação a outras línguas da família, como o fato de ser a única língua encontrada até o momento que apresenta a referida estrutura morfossintática ocorrendo com predicados nominais, como ilustrado em (12).

- (12) *kwa* *kwarahy-ni* *mĩ-pe*
 MOSTR sol-INDII lá-LOC
 ‘lá está o sol’

Nesse sentido, Praça, Magalhães e Cruz (2017) trouxeram à barca o porquê tratar esse fenômeno como modo não é a melhor opção. Vejamos:

A interpretação desse fenômeno gramatical como uma forma de alteração na categoria de modo carece de base em estudos tipológicos, particularmente nos estudos a respeito das categorias gramaticais de modo e modalidade. Nos estudos gramaticais sobre línguas europeias, particularmente o Latim e as línguas românicas, o termo indicativo é utilizado para contrastar verbos flexionados no modo indicativo daqueles flexionados no modo subjuntivo. Ainda que haja certa discordância a respeito da base semântica do contraste entre indicativo/subjuntivo, há uma certa concordância na literatura especializada em conceber modo como a expressão flexional da modalidade (cf., por exemplo, Bybee, Perkins and Pagliuca 1994; Nordström 2010). Se este é o caso, qual seria a validade para estudos tipológicos de se considerar uma forma nominal do verbo como uma instância de “modo”, como estabelece a definição proposta por Rodrigues (1953) para o termo “indicativo II”

Além disso, é possível supor que a partícula mostrativa *kwa* explicitada no exemplo (12), em princípio, tenha tido origem locativa, uma vez que observamos, por exemplo, a existência de advérbios locativos no Guajá como *kwatete/kwa’ate*, que poderiam atestar a origem adverbial da partícula mostrativa, assim como também há um dêitico *mõ* na língua tapirapé (da FTG) que poderia ilustrar a origem adverbial da partícula interrogativa do guajá, por isso estaria ativando também essa construção já mencionada.

3. Análise da estrutura

A hipótese geral a ser adotada aqui é a proposta de Praça, Magalhães e da Cruz (2017) que defendem que a mudança ocorrida no núcleo do predicado quando uma expressão adverbial o antecede indica que ele assumiu uma forma menos finita, como ocorre com as orações subordinadas de finalidade/simultaneidade (13) e temporais (14), por exemplo, que também recebem um sufixo subordinador e passam a expressar seus argumentos por meio da série II.

- (13) *a-ju* *ha-xak-a*
 1SG.I-vir 3.II-ver-FIN
 ‘vim para vê-lo’

- (14) *nijã* *ari-jaho* *aha* *ni = n-aka -mehẽ* *jaha*
 você 2SG.I-ir CTF 2SG.II = R-procurar -TEMP eu
 ‘você foi embora quando eu te procurei’

Em termos pragmáticos, as autoras entendem que, ao ser deslocada para o início da sentença, a expressão adverbial é rematizada, desrematizando o predicado, o que se traduz, formalmente, pela perda da sua finitude. A oração que anteriormente era tratada como independente, como em (11), se torna uma oração subordinada (10).

Praça, Magalhães e da Cruz (2017) ratificam esse entendimento:

Ao serem colocados numa posição de rema, os predicados adverbiais mantêm sua valência e passam a exigir que o antigo predicado fique subordinado a ele, adquirindo as propriedades menos finitas já citadas: (a) as marcas de pessoa da série I são substituídas pelas da série II (a mesma utilizada em predicados nominais, posposicionais e verbais não-ativos), (b) um alinhamento ergativo, padrão compartilhado com os casos de nominalização dessas línguas e (c) um sufixo que pode ser interpretado como subordinador ou, em termos pragmáticos, um desrematizador (DRZ).

É possível encontrar algumas versões distintas do conceito de tema e rema, mas a mais comum é a de que o rema é uma estrutura destacada na sentença e é uma informação nova, enquanto o tema é uma informação mais antiga.

Um ponto de vista a ser levado em consideração e aprofundado em estudos futuros é a associação dessa estrutura menos finita com a tipologia omnipredicativa² das línguas da FTG. Isso porque Queixalós (2006) propôs que as línguas dessa família seriam descendentes de uma possível proto língua totalmente omnipredicativa em que não haveria distinção entre as principais classes de palavras, mas que apresentaria uma superclasse de predicados. Levando isso em consideração, as línguas da família teriam, hoje, graus diferentes de conservação/degradação das características omnipredicativas.

O fato de o Guajá ser a única língua em que o sufixo *-ni*, rematizador, ocorre com a classe dos nomes pode, talvez, estar relacionado a uma característica conservadora de tratar da mesma maneira verbos e nomes, apresentar a mesma marca morfológica em predicados verbais e nominais, o que possivelmente se perdeu nas demais línguas.

Considerações Finais

Há muito a se investigar ainda com relação à ocorrência desta estrutura na língua. Entretanto, o que podemos enxergar a essa altura é que a oração deslocada para uma posição mais à esquerda da sentença torna-se uma expressão rematizada, informacionalmente mais importante em termos pragmáticos, o que resulta na subordinação da oração principal anterior.

Além disso, a questão da omnipredicatividade dessa língua é algo a ser investigado mais profundamente em uma análise diacrônica, tendo em vista que algumas características da língua podem descrevê-la como mais conservadora com relação a uma língua ancestral completamente

² As línguas omnipredicativas são aquelas que em que todas as classes principais de palavras possuem uma predisposição para a função predicativa, sem precisar de alterações morfológicas para que isso ocorra.

omnipredicativa, em que as classes de palavras não se diferenciam formalmente e funcionalmente, ou menos conservadora, tendo em vista que os Awá mais novos já não utilizam mais a construção aqui descrita.

Ainda em uma análise superficial dessas orações, algumas perguntas permanecem sem resposta: por que apenas no guajá o sufixo *-ni* ocorre com raízes nominais, além das verbais? Há mudança de uma classe para a outra conforme seja adicionado o sufixo *-ni* ao núcleo da oração? O que justifica/motiva essa estrutura subordinadora? Por que a marcação diferenciada no núcleo da oração só ocorre quando ele está flexionado na terceira pessoa? Por que no guajá esta estrutura só é ativada com expressões adverbiais locativas? São algumas das perguntas que ainda precisam ser respondidas em um aprofundamento futuro deste estudo.

ABREVIATURAS

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
CTP	Partícula Centrípeta
FIN	Partícula de finalidade/simultaneidade
LK	Linker
LOC	Locativo
MOSTR	Mostrativo
NMLZ	Nominalizador
PL	Plural
RFR	Referenciante
SG	Singular
TEMP	Partícula temporal

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Marina Maria Silva. *Sobre a Morfologia e a Sintaxe da Língua Guajá*. Brasília: Tese de Doutorado, UnB, 2007.

MAGALHÃES, Marina M. S.; RODRIGUES DE MATTOS, Ana C. Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá. *Via Litterae – Revista de Linguística e Teoria Literária*, p. 251-284, 2014

MAGALHÃES, Marina M. S.; OLIVEIRA SILVA ALVES, Débora. *Modificações de pronomes por adjuntos circunstanciais em primeira posição no Guajá*. 2016 Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Letras) - Universidade de Brasília.

_____. “Sobre o Indicativo II no tapirapé.” Em *Estudo sobre Língua Indígenas I*, por Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e Aryon Dall'Igna Rodrigues, 167-176. Belém: UFPA, 2001.

MAGALHÃES, Marina M. S. Rematização de Expressões Adverbiais em Guajá. SEMINÁRIOS DE NTL. TÓPICOS DE TIPOLOGIA LINGUÍSTICA, 2016.

PRAÇA, W. N.; MAGALHÃES, M. M. S.; DA CRUZ, Aline. *Indicativo II da família Tupí-Guaraní: uma questão de modo?* LIAMES, 2017.

QUEIXALÓS, Francesc (2006). *The primacy and fate of predicativity in Tupi-Guarani*. In Lois Ximena; Valentina Vapnasky (orgs.). *Lexical categories and root classes in Amerindian Languages*, pp. 249 - 288. Bern: Peter Lang Publishing.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1953). *Morfologia do verbo Tupi*. Letras 1: 121-152.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1981). Estrutura do Tupinambá. Notas do curso ministrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ms. inédito.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (2010). Estrutura do Tupinambá. In Aryon Dall'Igna Rodrigues; Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. *Língua e culturas Tupi*, pp. 11-42. Brasília e Campinas: LALI e Nimuendajú.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara (2002). Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. In Aryon D. Rodrigues e Ana Suelly A. C. C. (orgs.). *Línguas indígenas Brasileiras. fonologia, gramática e história* [Atas do I Encontro Internacional do Grupo de

Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL] . Tomo I, pp 327-337. Belém: Editora Universitária Pará.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara; Corrêa-da-Silva, Beatriz Carreta (2006). Evidências linguísticas para a reconstrução de um nominalizador de objeto *-mi- em Proto-Tupi. Estudos da Língua(gem) 4(2): 21-39